

UNIVERSIDADE ESTADUAL DE CAMPINAS

FACULDADE DE EDUCAÇÃO

PERPÉTUA LUZIA DE C. CARDOSO

MEMORIAL DE FORMAÇÃO

CAMPINAS

2005

UNIVERSIDADE ESTADUAL DE CAMPINAS

FACULDADE DE EDUCAÇÃO

PERPÉTUA LUZIA DE C. CARDOSO

MEMORIAL DE FORMAÇÃO

Memorial apresentado ao curso de Pedagogia – Programa Especial de Formação de Professores em Exercício nos Municípios da Região Metropolitana de Campinas, da Faculdade de Educação da Universidade Estadual de Campinas, como um dos pré-requisitos para Conclusão da Licenciatura em Pedagogia.

CAMPINAS

2005.

**Ficha catalográfica elaborada pela biblioteca
da Faculdade de Educação/UNICAMP**

Cardoso, Perpetua Luzia de Carvalho.

C178m Memorial de Formação / Perpetua Luzia de Carvalho Cardoso. -- Campinas,
SP : [s.n.], 2005.

Trabalho de conclusão de curso (graduação) – Universidade Estadual
de Campinas, Faculdade de Educação, Programa Especial de Formação de
Professores em Exercício da Região Metropolitana de Campinas (PROESF).

1.Trabalho de conclusão de curso. 2. Memorial. 3. Experiência de vida.
4. Prática docente. 5. Formação de professores. I. Universidade Estadual de
Campinas. Faculdade de Educação. III. Título.

06-072-BFE

ÍNDICE

1. INQUIETAÇÕES.....	01
2. APRESENTAÇÃO.....	04
3. A TRAVESSIA.....	04
3.1. MINHAS PERSPECTIVAS E SONHOS.....	05
3.2. O CONHECIMENTO.....	08
4. O PROESF.....	09
4.1. FUNDAMENTOS.....	10
4.2. ORGANIZAÇÃO DO CURSO.....	10
4.3. RESPONSABILIDADE DO CURSO.....	11
4.4. PRINCIPIOS E OBJETIVOS.....	11
5. A ESCOLA E O CONHECIMENTO.....	19
6. UM NOVO OLHAR.....	24
7. A INFÂNCIA E A FAMÍLIA.....	27
8. O VESTIBULAR.....	29
9. O INICIO DO CURSO.....	31
10. A GRANDE CONQUISTA.....	34
11.A TURMA “A “	35
12. UM NOVO OLHAR.....	42
13.CONCLUSÃO.....	48
14.BIBLIOGRAFIA.....	50

Dedicatória

A Deus, pela ajuda nas horas difíceis.

Ao Luis Carlos pelo apoio e compreensão.

Aos meus três filhos pelo amor dedicado.

Os meus pais, com quem experimentei a vida.

Desde a infância até hoje.

Aos Coordenadores e Assistentes Pedagógicos do Curso, pela amizade e ajuda,
que jamais esquecerei

Perpétua Cardoso

Agradecimentos

A Deus, pelas vitórias conquistadas.

Ao meu esposo Luis, pela paciência e pela ajuda.

Aos meus filhos, pela compreensão nos momentos dedicados as leituras.

Ao Curso de Pedagogia... E em especial a Hélia e a Coordenação pela ajuda no momento da troca de pólo.

Aos professores pela transmissão do conhecimento.

Aos meus pais, pois sem eles eu não estaria nesse mundo.

As amigas inesquecíveis da turma "H".

As amigas da turma "A", em especial a Ângela pelo carinho e amizade.

Enfim, a todos que de alguma forma estiveram me apoiando nesse caminhada de três anos de curso.

Perpétua Cardoso

“Pode-se comprar o tempo de um homem”,
Pode-se comprar a presença física de um homem num local pré-determinado,
Pode-se até comprar um número mensurado de movimentos musculares por hora e dia.
Mas não se pode comprar o entusiasmo,
Não se pode comprar a devoção do coração, do pensamento e da alma.
“Essas coisas devem ser conquistadas

Clarence Francis

1- Inquietações

Zona real ou zona proximal?

Desenho e escrita:

Pode ou não pode?

Olho e não vejo. Afinal o rei está nu?

Ou finjo que vejo a roupa?

Fico quieta maquinando com meus botões?

Ou ousar superar o medo e discordar e perguntar?

Joguei fora o que era velho longe da moda pedagógica.

E hoje, dizem para rever posições...

Autoritária? Espontaneista? Democrática?

Me vejo rondando nas três concepções

De uma educação que ora, não tem segredos (Eu domino!)

Ora, me assusta no confronto do que ainda não sei.

Abismo...

Abismos de tantos teóricos que ainda não li(e nem sei se quero, ou terei tempo de ler).

Abismo de tantas práticas que já fiz e continuo fazendo,

Repetindo-as ou transformando-as na dança dos novos textos?

Afinal, que educadora sou eu?

O que faço aqui?

Papel de técnica ou professora,

Exerço com autoridade?

Ou fujo? Tento encontrar soluções? Alternativas?

Ou jogo a culpa em outro?

Compromisso ou obrigação?

Com quem estou compromissada?

Com a secretaria?

Com a direção?

Com a criança?

Ou comigo mesma?

Sei que preciso pensar,

Ir mais a fundo

Aprofundando idéias

Resgatando a minha fala que eu deixei que levassem embora

Quando aceitei, quando engoli, quando não ousei, quando.

Não perguntei: Por quê?

Será que também roubo a fala dos meus alunos?

Quando falo por ele, quando não leio o seu gesto,

Quando não dou espaço para a sua fala, seu desenho, seu jogo...

Quando não percebo o seu silêncio de medo,

Quando demonstro que não entendo o seu desenho, quando.

Não escuto a sua pergunta: Por quê? Por quê?

Mirian Celeste Martins

2- Apresentação

Acredito que é muito importante iniciar a escrita do meu Memorial de Formação com a reflexão de como vim parar aqui, entre Professores, Educadores, Assistentes Pedagógicos, Formadores e Alunos. Dentro de mim têm um pouco de tudo isso, de tantas alegrias, angústias e expectativas nessa minha trajetória escolar. Este foi o grande motivo que fez com que eu iniciasse essas lembranças, e reflexões, abrindo o meu texto com o poema "INQUIETAÇÕES" de Mirian Celeste Martins, porque sinto que ele consegue mostrar num contexto simples um retrato do que somos, passamos e vivemos no dia-a-dia, dentro de uma instituição escolar.

Escrever minha trajetória escolar, minha vida relacionada à educação é pensar nela com muito carinho. Isso é um Memorial? Então eu sinto que é maravilhoso escrever, pois ele é uma oportunidade de mostrar nessa escrita o quanto foi importante às mudanças ocorridas na minha vida após a minha formação universitária. Memórias... Memórias. Como é bom tê-las. Ela é algo que me ajudou a realizar esse trabalho e me ajudará muito quando eu tiver que lembrar das minhas leituras e reflexões, que transformaram a minha prática em sala de aula.

3- Não basta ter clareza sobre onde se quer chegar. É preciso saber como fazer a travessia.

Não fui uma criança estudiosa, dedicada à leitura, não conhecia livros de contos de fada, em nenhum momento da minha infância eu recordo de ter lido certos clássicos que meus filhos e alunos têm acesso diariamente. Lembro pouco dos meus primeiros contatos com a leitura e a escrita.

Aos sete anos, a revista mais lida na época era SÉTIMO CÉU, feita de telenovelas e como eu gostava de novelas eu procurava ler as que eu conseguia emprestar (não tinha como comprar), e na escola tinha que ler a cartilha “Caminho Suave”. A revista tinha acordado a minha imaginação e eu tinha me tornado leitora, quer dizer, um ser de imaginação ativa, criativa. Eu, leitora, via a minha imaginação todo o universo que vem cifrado nesses sinaizinhos chamados letras e associado ao que eu gostava que era novelas.

No início da leitura, eu não conhecia o acento agudo da palavra e lia sétimo seu então eu lia e achava que entendia tudo.

...Eu sou leitora, logo penso e participo intimamente desse jogo maravilhoso que é ler, eu sou leitora, logo, eu crio e a minha criação era imaginar e cria cenas de novelas e escrevê-las num papel. Anos depois, eu escrevia até versinhos.

3.1 - Minhas perspectivas e sonhos

Quando cresci, pensava em ser médica, bailarina, escritora de poesias, artista, advogada muitas outras coisas. Não fui nada disso. Estudei pouco, fui babá, faxineira, vendedora, promotora de vendas. Foi com grande espanto que um dia descobri o que eu gosto: de ser professora. Por que me espanto? Porque quando eu era criança e mesmo adulta, achava uma chateação essa coisa de ensinar e trabalhar com criança, porque as crianças da minha época só podiam fazer aquilo que a professora queria (hoje também não é assim?), e as professoras nem se importava se você estava doente, se era pobre ou não estava entendendo sobre o que ela ensinava, só se importava em por um enorme “X” vermelho nos erros de português ou por de castigo quando não decorava a tabuada. Por que mudei de

idéia? Acho que foi por incentivo da minha sogra que já estava trabalhando em uma escola e via em mim alguma coisa que se relacionava com a área de educação, trabalhar em escola seria uma boa medida de cuidar da casa e dos filhos, optando pelo trabalho de meio período. Ela me incentivou muito e lá fui eu tentando acostumar-me com essa idéia. O problema maior era voltar a estudar com tantas dificuldades enfrentadas. Estava casada a poucos meses e decidi ir em busca deste projeto novo. Nessa época eu trabalhava de Promotora de Vendas no Uemura Homer Center mal havia concluído o segundo grau. Então fui em busca de vaga em uma escola Estadual, chamada Aníbal de Freitas, e assim em março de 1988 comecei o curso de Magistério.

Era tudo diferente, eu voltei às salas de aulas. Adaptando-me e gostando, comecei a pensar diferente a partir do contato com colegas e professoras, pois a partir do momento que estudamos, temos que pensar como os outros pensam, isso é mudar algumas coisinhas dentro de nós que não fazia sentido antes. Como disse o professor Jorge, na aula magna do dia 27/08/2003, acontecida no Centro de Convenções da Unicamp:

“Ser estudante é ler, trocar idéias, experimentar, explorar...”.

As pessoas podem dialogar com qualquer um, porém conversar e pensar não. Estudar seria uma experiência de pensamento, acontecendo entre o que eu posso pensar e o que eu ainda irei pensar. Nossas palavras mudam com o estudo, com as leituras.

O início do curso foi difícil, mais eu tinha vontade e isso contava muito e para me fortalecer mais ainda em 1989 nasce meu primeiro filho, ficando assim afastada dos estudos por três meses.

Mesmo estando cursando o magistério eu já conseguia classes de substituição nas escolas estaduais do meu bairro, a procura era muito grande.

Meu primeiro momento em sala de aula não foi nada fácil, filho recém-nascido e noites mal dormidas e sono, muito sono. Mesmo assim eu com pouca experiência conseguia dar aula e o meu relacionamento com os alunos era muito bom.

O curso do magistério não preparava totalmente o professor para enfrentar uma sala de aula, o vazio era muito para ser preenchido com poucas teorias e nenhuma prática.

O professor é aquele que transmite (antes eu falava ensina) alguma coisa a alguém, portanto a relação dos professores com os saberes que ensinam é fundamental para a sua identidade profissional.

Nos últimos anos, pesquisadores em educação têm realizado com esforços e com objetivos de refinar o instrumento teórico disponível para realizar investigações que possam dar conta dessas novas questões cuja complexidade desafia os paradigmas vigentes.

Nesse contexto, foi criada a categoria “saber docente”, que permite focalizar as relações dos professores com os saberes que dominam para poder ensinar e aqueles que ensinam, sob uma nova ótica, ou seja, melhor, mediadas por e criadoras de saberes práticos que passam a ser considerados fundamentais para a configuração da identidade e competência profissional. (Perrenoud, 1993).

Acredito que, mesmo esses trabalhos representando grande significação para compreender a especificidade da ação docente, precisando da pesquisa para direcionar o foco da análise mais direta sobre a relação dos professores com os

saberes que ensinam. No início da minha atuação como professor, nada sabia, além de passar conteúdos planejados coletivamente.

Hoje, o conhecimento acadêmico é muito importante para nós, pois o professor além da prática, aquela que ele conhece muito bem é preciso também que ele tenha algum embasamento teórico, mudando assim seu olhar para a sua postura, direcionando seu trabalho com maior convicção e fugindo do senso comum. É preciso estar consciente do nosso papel na educação.

3.2- O conhecimento e a atuação.

Sou professora atuante a 16 anos, sendo sete anos na Rede Estadual e efetiva na rede municipal de Sumaré há nove anos. Até o ano 2002, eu tinha apenas a formação do magistério, concluído no ano de 1990. Nunca havia pensado em fazer uma faculdade, nem sabia como era passar em um vestibular. Tinha consciência dessa necessidade de uma formação acadêmica, que me fizesse além da prática, conhecer tantas teorias que ouvimos falar e não entendemos, teorias essas que procurasse nos ajudar de alguma forma a tentar solucionar certos problemas enfrentados por nossos alunos, que não achamos soluções.

Tenho consciência que a boa educação começa com bons professores, e eu sempre fui considerada pela direção e pais de alunos como uma boa professora, aquela que sempre compreendia os seus alunos e tinha um grande apoio dos pais.

Através do Projeto da Rede Metropolitana de Campinas, o Proesf, em oferecer aos professores o curso de pedagogia, junto com a Unicamp, vi meu sonho se realizar.

A Secretaria de Educação de Sumaré, através do Ofício Circular nº025/2002, do dia 10 de junho de 2002, divulgava o edital do processo seletivo no curso de pedagogia da Faculdade de Educação da Unicamp.

Meio amedrontada, enfrentando uma depressão por diversos motivos, estava afastada da sala de aula, aproveitando uma licença-prêmio concedida pelos cinco anos na rede municipal, recebi esse edital em casa, explicando o que eu deveria fazer para ser inscrita entre as demais e disputar entre todas as 22 vagas concedidas ao nosso município. Confesso que li o tal edital e demorei a tomar a decisão. Essa interpretação errada de um artigo de Lei de Diretrizes e Bases da Educação (LDB), o artigo n.º. 62, fez que como eu, muitas professoras procurassem essa formação superior, dando ênfase na valorização e na qualificação do magistério, por meio de programas de formação. Se o professor está mais qualificado, suas melhorias são consideráveis no seu grau de formação e o seu salário aumenta.

4- O Proesf...

Este curso é o resultado das preocupações político-sócio-educacionais da Faculdade de Educação e da Universidade Estadual de Campinas como um todo. Ele representa a concretização de uma das lutas que a Faculdade empreende em prol da melhoria da qualidade da educação pública e da formação dos professores. Por outro lado, o curso resulta também da sensibilidade dos municípios que integram a região metropolitana de Campinas, em favorecer que seus professores possam adquirir uma melhor formação docente.

Assim, o curso foi planejado, organizado e está sendo desenvolvido na forma de colaboração entre a Unicamp e as Secretarias de Educação Municipal desses municípios. A organização da proposta de curso, bem como sua articulação política, esteve a cargo de um colegiado composto por representantes da Pró-Reitoria de Graduação, de professores da Faculdade de Educação da Unicamp e dos Secretários Municipais de Educação da Região Metropolitana de Campinas. Uma importante característica deste curso é a de oferecer que atuam de primeira a quarta séries do ensino fundamental.

A proposta do curso foi elaborada visando a uma futura educação continuada e à integração da experiência docente dos professores em exercício, do desenvolvimento da pesquisa e do aprofundamento teórico desses professores.

4.1-Fundamentos

Os fundamentos legais do curso de Pedagogia são os estabelecidos pela LDB 9394/96 (Artigos 61, 67, 70, 81 e 87), Resolução CNE/CP 01/99, o Parecer CNE/CP 04/97, a Resolução CNE/CP 02/97, o Parecer CNE/CEB 01/97, a Resolução CNE/CB 02/99, os Pareceres CNE/CP 009/01, CNE/CP 27/01, o Parecer CNE/CP 28/01, e a Deliberação CEE 12/2001 (Artigos 1º, 2º. e 5º.).

4.2-Organização do Curso.

O curso atende aos professores em exercício na Rede Municipal dos municípios que integram a Região Metropolitana de Campinas, e que estabeleceram convênios com a Unicamp. O curso tem uma carga horária de 3300 horas, com uma duração de três anos, e é desenvolvido de forma presencial. O

programa prevê entradas anuais de 400 alunos e o oferecimento do curso por um período que atenda às necessidades dos municípios.

4.3- Responsabilidades pelo Curso.

A responsabilidade do curso, a sua coordenação e a produção do material didático são da Faculdade de Educação da Unicamp, como acordado no projeto de colaboração entre esta Universidade e as Secretarias Municipais de Educação da RMC.

4.4 - PRINCÍPIOS E OBJETIVOS.

Princípios do Curso.

A proposta do curso está fundamentada na concepção de professor como profissional do ensino que tem, na tarefa de cuidar da aprendizagem dos alunos, a perspectiva da construção de uma cidadania consciente e ativa que lhe permita identificar e posicionar-se frente às transformações em curso e incorporar-se na vida produtiva e sócio-política, respeitada a diversidade pessoal e cultural. Os princípios do curso contemplam características da formação docente consideradas, na atualidade, como inerentes à atividade pedagógica, entre as quais se destacam:

- Orientar e mediar o ensino para a aprendizagem dos alunos;
- Assumir e saber lidar com a diversidade existente entre os alunos;
- Incentivar atividades de enriquecimento cultural;
- Desenvolver práticas investigativas;
- Elaborar e executar projetos para desenvolver conteúdos curriculares;

- Utilizar novas metodologias, estratégias e materiais de apoio;
- Desenvolver hábitos de colaboração e trabalho em equipe;
- Exercer a organização, coordenação e gestão do trabalho pedagógico.

Assim, os princípios do curso se revestem das seguintes características:

- Ser espaço de formação inicial e continuada, onde os conhecimentos da prática serão refletidos, garantindo novas formas de vinculação teoria e prática.
- Focar a formação do professor como um pesquisador da sua ação docente, do trabalho coletivo e das proposições curriculares comprometidas com uma educação democrática.
- Ter o trabalho pedagógico como objeto de reflexão das temáticas curriculares, expandindo percepções através de aprofundamentos culturais e educacionais.
- Privilegiar a perspectiva interdisciplinar, a construção da autonomia intelectual e profissional e a visão da interdependência do trabalho pedagógico coletivo.
- Ampliar a responsabilidade do professor para além da sala de aula.

Objetivos do Curso

Geral

Formar em Pedagogia, com Licenciatura Plena, professores em exercício em escolas da Rede Municipal da RMC na Educação Infantil e nas séries iniciais do Ensino Fundamental.

Específicos

- Propiciar a reflexão sobre o fazer pedagógico a partir do conhecimento dos fundamentos básicos da área e específicos curriculares.
- Desenvolver conhecimentos e o pensamento investigativo que possibilitem a formulação de questões e proposição de soluções para os problemas vivenciados no cotidiano pedagógico, numa perspectiva multidisciplinar e colaborativa. Propiciar a construção de múltiplas linguagens na perspectiva da ampliação dos horizontes culturais do estudante.
- Propiciar condições para um pensar autônomo multirreferenciado, para uma compreensão do trabalho pedagógico como ação coletiva, ética e democrática. Promover o desenvolvimento profissional pela reflexão teórica-prática e pela sistematização dos saberes docentes.
- Compreender a ação educacional em espaços profissionais não escolares. Aprofundar os conhecimentos específicos na perspectiva da atuação interdisciplinar nas séries iniciais. Saber trabalhar com as diferenças e com as necessidades especiais, visando à inclusão social.

- Articular ensino e pesquisa na produção de saber e prática pedagógica. Trabalhar as questões de avaliação como um processo de auto-formação. Desenvolver o conhecimento dos processos de organização, coordenação e gestão do trabalho pedagógico, em espaços escolares e não escolares.

Comecei a pensar nesse curso e na determinação de conhecer as teorias que tanto pensava ao tentar solucionar alguns problemas surgidos em sala de aula, e no quanto eu poderia ajudar meus alunos a serem capazes de ter novos conhecimentos e aulas motivadoras e diferentes das que eu ministrava, garantindo a eles o direito de serem capazes, críticos e observadores, se eu era tão boa professora, com esse curso eu ficaria melhor, o conhecimento acadêmico me ajudaria muito.

O Proesf veio na hora certa da minha vida, veio preencher as angústias que estava sentindo, num momento de depressão, esse curso ajudaria muito em relação a minha baixa auto-estima, então comecei a sonhar, dando para mim a chance de mudanças e conhecimentos. Se eu tinha que voltar a estudar, por que não na UNICAMP? E nessa busca é que eu fui fazer a minha inscrição.

É sobre o que o curso trouxe de mudanças na minha vida profissional, nas práticas em sala de aula é que eu quero escrever esse memorial, falando da minha experiência como professora, na minha prática e nas teorias que conheci somente quando entrei na Unicamp. Essa experiência como aluna/professora foi fundamental na minha vida e o curso foi fundamental para essa transformação ocorrida em mim.

Tudo que o professor explica ao aluno é como um filtro, havendo conhecimentos e transformações, permitindo uma visão diferente em relação ao professor, contribuindo para um avanço na autonomia profissional.

O professor tem o conhecimento pessoal que está ligado à ação, onde ele reflete, analisa, interpreta e age com um olhar retrospectivo sobre o que foi realizado.

Perrenoud oferece uma contribuição importante preocupada em entender a atividade docente, ele discute suas características particulares que oscilam entre rotina e a improvisação regulada. Ela chama a atenção para as transformações operadas nos saberes para serem ensinados, o processo de transposição didática que se baseia na epistemologia que fixa o estatuto desse saber, do erro, do esforço, da atenção, da originalidade, das perguntas e respostas. (1993, p.24).

Em outro trabalho, mais recente, aprofundando a reflexão sobre a profissão docente (1996), Perrenoud alerta para os limites e riscos de se analisar os recursos cognitivos de uma pessoa que desenvolve uma ação apenas em termos de saberes e conhecimentos (para ele os dois termos são incambiáveis). É necessário enfrentar e compreender essas competências e esses saberes.

O meu saber sempre esteve ligado ao da prática, eram saberes do dia-a-dia, saberes do senso comum, pois estavam em mim, ensinava o que eu lia e sabia sobre os livros didáticos, mas de forma diferente do que vejo hoje.

Muitas vezes não temos tempo de pesquisar, ou melhor, nos acomodamos com a rotina e ficamos presos aos livros didáticos e planejamentos muitas vezes copiados.

Como professora no início, e até pouco tempo, não usava o meu senso crítico, sempre aceitando o que vinha, sem questionar, apenas pelas práticas eu conduzia meus planos diários de aula, reproduzindo a ideologia que era passada e deixando de ler e pesquisar para ter um domínio com aquilo que eu não sabia.

Mesmo ministrando minhas aulas, passando conteúdos, eu não posso deixar de escrever nesse trabalho o meu carinho pelas crianças, aprendi muito a gostar deles através da atuação como professora nas séries iniciais.

Escrever sobre as experiências no cotidiano da escola e da sala de aula é procurar escrever com compreensão todo o processo que nós professores nos confrontamos e tentamos resolver.

A educação não é um fenômeno neutro, ela sofre os efeitos da ideologia, por estar envolvida na política.

A educação desde as sociedades tribais tem acontecido de forma marcante, modificando, crescendo, enfrentando desafios, sendo influenciada por grandes pensadores. No Iluminismo passamos por um período muito rico em reflexões pedagógicas, um de seus aspectos está na pedagogia política, no esforço de tornar a escola leiga em função do Estado.

O Brasil passou por períodos de grandes problemas relacionados à educação, grandes pensadores tiveram papel fundamental nas mudanças ocorridas.

Em 1991, assumi uma classe de 3ª série do Ensino Fundamental em uma escola da Rede Estadual e a metodologia era tradicional, essa que nós conhecemos muito bem, logo me adaptei e iniciei o meu trabalho com a primeira classe livre, totalmente minha.

No modelo tradicional da alfabetização, a criança era alfabetizada (e ainda é) pela memorização, ensinava através da cartilha (hoje é através dos livros), onde existem exercícios repetitivos, sem existir um questionamento, trabalhar assim é fácil, pois os alunos apenas obedecem a professora e eles mesmos não são respeitados pela cultura que já trazem de fora. Os exercícios decorados não tinham nenhum significado crítico para o aluno.

Letramento? O que é isso? Só depois que comecei a estudar no curso de pedagogia é que aprendi sobre isso. Nas aulas de Metodologia de Língua Portuguesa, no primeiro semestre do curso é que fui conhecer esse tema que mudou meu pensamento em relação à alfabetização das crianças e também de adultos. Desse conteúdo apresentado sobre o letramento, posso afirmar pelo que as crianças não aprendem simplesmente porque vê o outro aprendendo e sim porque tentam compreender o que isso significa para elas, existe uma grande diferença entre uma pessoa alfabetizada e uma pessoa letrada.

No ensino tradicional, que eu trabalhava o importante era ler e escrever se não repetia o ano, não me preocupava em desenvolver no meu aluno o gosto pela leitura e pela escrita, onde um indivíduo letrado se envolve nas práticas sociais da leitura e da escrita.

“A escrita é vista como um meio de expressar idéias, um meio socialmente construído e tem o uso social, frase essa ouvida na aula Magna do professor Sérgio Leite sobre alfabetização e letramento”.

Como seria diferente no início da minha profissão se eu tivesse tais conhecimentos e teorias ensinadas no curso de Pedagogia.

Como a teoria de Vygostky teria me auxiliado nos momentos de conflitos em relação ao desenvolvimento dos meus alunos, a sua dificuldade de aprendizagem seria mais bem compreendida. Hoje, reflito melhor sobre esses conhecimentos, sobre o meu papel de educadora e questiono-me muito sobre as dúvidas surgidas em momentos de angústias, quando o meu aluno não consegue aprender, procurando ajuda nessas teorias e relacionando-as com a minha prática.

Com as mudanças ocorridas a partir dos anos 90, foi preciso acompanhar o processo e procurar melhorias na qualidade do ensino, tornando nossos alunos críticos e leitores preocupados com a realidade. Isso fez com que nós, professores procurassem mais apoio pedagógico, diversificando até mesmo os textos trabalhados em sala de aula, trazendo sempre novidades, procurando formar nossos alunos como cidadãos críticos, em pleno exercício com a cidadania.

Quando é que eu faria isso no início, com uma sala de aula repleta de alunos inquietos e desmotivados, crianças rebeldes e sem condições de aprender. A culpa também estava em mim, pois não conseguia lidar com as diferenças, com essas dificuldades e acabava excluindo meu aluno, ficando preocupada com aqueles que realmente estavam progredindo.

Se educação é alguma coisa que foi feita para formar alunos, ela também é feita de desafios que eu tenho que enfrentar e entender para ocorrer às mudanças pretendidas, havendo assim uma harmonia com os princípios do crescimento natural da criança.

5- A Escola e o Conhecimento.

Sempre trabalhei com crianças das séries iniciais. Sabe por quê? Era fácil passar conteúdos vindo dos livros didáticos, achava chato ler histórias para as crianças, eu não entendia o quanto isso é importante para os nossos alunos, seus interesses aumentariam a partir do momento que estivessem em contato com leituras interessantes, havendo assim mais conhecimento.

O conhecimento pode ser entendido enquanto informação dentro de uma visão objetiva, que parte de um universo de saberes, que visam à acumulação, não à relação com o mundo. As metodologias devem ser pensadas de forma em que os saberes não sejam apenas conhecimento em si, mas relacionam-se com o sujeito e seu universo particular, dando-lhe algum significado. É uma relação de subjetividade, entre o saber e o mundo.

A escola encara conhecimentos, informações e saberes como sendo a mesma coisa, isolando-os, quando passa a enfatizar o acúmulo de conceitos de longe, perpassam o saber enquanto informação, transformando-os em conhecimentos a serem assimilados, de modo passivo, sem qualquer participação do sujeito.

Segundo Vygostky (1991), o ponto de partida para a aprendizagem deve ser aquilo que a criança já sabe, levando-a a entrar no caminho da análise intelectual, da comparação, da unificação e do estabelecimento de relações lógicas. A aprendizagem depende das características individuais de cada aluno, que correspondem em grande parte às experiências que viveram; que variam em forma e ritmo, em vista de suas capacidades, motivações e interesses pessoais e também das pessoas com as quais convive. Nesse sentido é preciso ressaltar o papel da mediação, entendendo que é na interação entre o sujeito e o mundo e na relação

entre eles que se dá o processo de humanização e de construção de conhecimento. Para Vygostky:

“O desenvolvimento humano depende da interação que ocorre entre as pessoas e da relação com os objetos culturais, uma vez que, com a presença do outro, neste caso o professor mediador, dar-se-à a evolução das formas de pensar da criança, ao mesmo tempo em que estará se constituindo como sujeito”(Colombo, 2002, p. 7)

Do ponto de vista dos conteúdos, como fazer com que esses sejam significativos para os alunos, ou seja, que os alunos tenham motivação para conhecê-los e aprendê-los? A situação não é nada fácil, precisamos lidar com os conteúdos das disciplinas com a vida dos alunos, fazendo com que eles percebam que existem ligações existentes entre o mundo e esses conteúdos trabalhados, então estaremos dando um significado para essas atividades que serão desenvolvidas em sala de aula, interessando mais o nosso aluno.

Segundo Perrenoud (2000), a relação com o saber pode ser refinada na classe, graças a uma verdadeira negociação entre o professor e o aluno, o que requer do professor a vontade de ouvi-los, de ajudá-los a formular seus pensamentos e de ouvir suas decisões. Ainda, segundo Perrenoud, a competência e a vontade de desenvolver o desejo do saber e a decisão de aprender nos alunos encontram-se no centro do ofício do professor, isto é, de envolver os alunos em suas aprendizagens e em seus trabalhos.

No ano de 1995 participei da seleção, isto é, prestei um concurso para me efetivar na rede municipal de Sumaré, estava tão desinteressada que nem estudei, nem li as bibliografias pedidas no edital. Para que? Eu nem sabia mais o que era estudar. No entanto passei em um dos últimos lugares e fiquei aguardando ser

chamada durante quase um ano. Eu estava satisfeita com as minhas aulas na escola estadual.

Em 1996 recebi um recado para comparecer a Secretaria de educação e assumir uma sala de aula. Fiquei espantada quando percebi que iria dar aula numa creche do ensino infantil, com crianças de 5 anos. A escola ficava próxima a minha casa. Assumindo a sala de aula tive que rever muitas das minhas posturas em sala de aula e mudar o meu jeito e aprender a trabalhar com alunos dessa idade, era tudo diferente, desde o planejamento até a metodologia e os conteúdos. E lá estava eu, cuidando e ministrando minhas aulas com essas crianças tão pequenas.

A questão que mais vinha me intrigando na prática dessas aulas é a relação dos alunos com os conteúdos a serem ensinados e como ensinar. Ouvia muita discussão nas reuniões pedagógicas dos professores sobre o crescente desinteresse dos alunos pelo aprender, como se viessem à escola por obrigação. Muitas vezes eles choravam e eu assumia o meu papel de mãe e esquecia o resto, ficava só dando atenção, quem sabe ganharia a confiança deles.

Por várias vezes me encontrei em situações que não sabia resolver e pedia ajuda, tentando minimizar o problema, pois muitas vezes o professor não sabe e tem que procurar soluções.

Minha classe era de crianças que pela primeira vez estavam freqüentando uma sala de aula. Eram alunos participativos e dinâmicos. Entre eles, alguns ficavam na escola o dia inteiro, mostravam-se apáticos durante as aulas. Achava difícil entender, pois no ensino fundamental, na minha classe de 3ª série, as crianças eram além de maiores, mais motivadas e eu tinha os conteúdos escritos

que faziam e exerciam neles o controle durante as aulas. Controle esse que eu não poderia usar com esses novos alunos.

Nessa época ganhei de presente uma apostila do curso Proerpre realizado pelas professoras da rede municipal. Foi muito interessante fazer essa leitura e fui aprendendo e mudando os significados das minhas aulas. Li também os PCNs do Ensino Infantil e percebi a afetividade muito ligada ao desenvolvimento das crianças.

Procurei através das leituras feitas enfatizar a importância do professor para que os alunos sentissem segurança e superassem as dificuldades, criando assim um ambiente tranquilo e motivador.

Grande parte do trabalho de Wallon é dedicada ao estudo da afetividade. Em sua teoria psicogenética, busca a articulação entre o biológico e o social, sendo as emoções o grande papel na formação. Para Wallon, inteligência e afetividade estão ligadas e a afetividade depende da construção realizada no plano da inteligência, assim como a evolução da inteligência depende das construções afetivas.

Vygotsky evidencia o papel das interações sociais, além da linguagem, para o desenvolvimento humano. Enfatizou em seus estudos, a íntima relação entre afeto e cognição, e que esses dois aspectos do ser humano não podem dissociar-se. Ainda Vygotsky (1991), escreve sobre o ponto de partida para a aprendizagem que deve ser aquilo que a criança já sabe, levando-a a entrar no caminho da análise intelectual, da comparação e do estabelecimento de relações lógicas. A aprendizagem depende das características individuais de cada aluno, que correspondem em grande parte às experiências que viveram.

Como podemos ver, Wallon e Vygotsky têm muitos pontos em comum na questão da afetividade da criança.

Piaget (1981) define afetividade como todos os movimentos mentais conscientes e inconscientes não racionais (razão), sendo o afeto um elemento do domínio da afetividade. Afirmo ainda, que o afeto é a energia necessária (a motivação) para o desenvolvimento cognitivo e que a afetividade influi na construção do conhecimento de forma essencial.

Com o conhecimento desses autores, conclui-se que não é possível separar o cognitivo da afetividade e que a escola deve trabalhar esses aspectos, considerando-os e ressaltando-os.

O professor é o principal mediador nesse trabalho dentro da sala de aula devendo perceber e elaborar conhecimentos a partir dos momentos de conflitos, procurando a partir da sua prática desenvolver capacidades cognitivas na criança. Se as teorias mostram a presença dos aspectos afetivos nas interações sociais e sua influência nos processos de desenvolvimento cognitivo (Tassoni, 2000), então, nossa prática também não pode dissociá-las. Será que realmente a minha prática era condizente com a educação que idealizava naquele momento?

Durante esses dois anos que trabalhei, as mudanças foram ocorrendo, comecei a ter outra metodologia por causa da idade das crianças que formavam minha turma de pré-escola e as da 3ª série do ensino fundamental, pois enquanto eu trabalhava afetividade com uns, os outros também precisavam de conteúdos e avaliações, que eram cobrados da escola, usando o método tradicional; então comecei a ver de outra forma, partindo de que o aluno constrói seu conhecimento,

respeitando assim seus limites e encarando o erro de outra forma, como parte da aprendizagem.

Sei que as teorias não resolvem tudo, não define práticas pedagógicas. Nenhuma teoria vai dizer como eu vou ensinar uma criança a ler e escrever, porém sem elas não teríamos o suporte para entendermos por que tantos problemas acontecem em sala de aula?

No ano de 1998 resolvi trabalhar apenas no ensino infantil, deixando assim a escola Estadual. Nessa época, eu já tinha três filhos e os horários de Reunião Pedagógica não conciliavam, era preciso fazer a opção. Resolvi ficar trabalhando na rede Municipal no período da manhã e as tardes em casa cuidando do meu filho pequeno e dos dois maiores. Senti muita falta do Ensino Fundamental, identificava-me muito com essa idade e gostava do trabalho que realizava nessa escola.

Em 1999, comecei a substituir uma classe de 3ª série na rede municipal, em uma outra escola próxima a minha residência no período da tarde.

6- Um Novo Início...

Iniciar meu trabalho com essas crianças foi voltar ao passado e me encontrar novamente com aquilo que realmente gostava que fosse Ensino Fundamental, no ano seguinte eu resolvi pedir remoção para outra escola, deixando assim o ensino infantil. O pessoal da escola ficou muito chateado, as mães pediram para eu não sair, fez até abaixo-assinado, porém não mudei de idéia e no ano 2000 eu assumi uma 3ª série numa escola recém inaugurada no Jardim Nova Terra. Foi um ano muito significativo para mim, o relacionamento com a direção e especialistas foi muito significativo e mesmo enfrentando dificuldades (os alunos não tinham

carteiras nem cadeiras para sentar), porém estavam motivados e com muitas expectativas com a nova escola. Fácil não foi, meses depois, a escola já estava equipada e funcionando, havia compreensão e carinho entre todos.

Essa nova direção mostrava compreensão, eram apenas dois: Diretora e Coordenador, os dois falavam a mesma língua e o relacionamento com os professores, alunos e comunidades eram excelentes, havendo diálogo e respeito.

No ano de 2001, após a remoção de especialistas da rede municipal, recebemos a notícia que o nosso coordenador havia se removido para outra escola e que chegariam as novas especialistas. No primeiro contato com elas, tudo parecia normal, eram eficientes e mostravam dedicação quanto ao seu trabalho. Com o passar dos meses tudo foi mudando e essa nova direção também foi mudando, o relacionamento foi ficando difícil, o autoritarismo da nova coordenadora mexeu com toda a equipe, vieram as cobranças, novas regras, conflitos, fofocas e desmotivação por parte dos professores. Nesse momento de conflito eu continuava meu trabalho sem muito envolvimento com o que estava acontecendo, procurava fazer sempre o melhor que eu podia em relação as aulas e o respeito pelas regras que deveriam ser cumpridas. Eu poderia dizer muitas coisas desse ano difícil, nada entendia do modelo de gestão dentro de uma escola. Se eu não tinha argumentação, nenhuma fundamentação, então preferia ficar sem opinar.

A partir desses conflitos comecei a procurar soluções, aprendi muito nesse ano e quando, no quinto semestre do curso, com o Professor Júlio estudamos sobre Planejamento e Gestão Escolar, voltei-me àqueles fatos acontecidos anos atrás e entendi porque certos conflitos surgem e que o conhecimento poderia ter feito com que eu entendesse melhor aquele processo.

Estava muito comprometida com o meu trabalho e não enxergava nenhum problema que afetasse o meu trabalho. O professor comprometido em geral, trabalha muito e seu trabalho incomoda aqueles que querem se acomodar, principalmente se a filosofia da instituição em que trabalha for da acomodação.

Ao contrário, os conflitos existentes nesse ano não foram por causa do descaso da direção e sim por excesso de regras e normas que antes não existiam e que eu achava normal porque uma instituição escolar necessita de normas para que o trabalho seja visto como melhorias e não para prejudicar a equipe, pais e alunos, onde a qualidade de ensino é muito importante.

As propostas muitas vezes são aceitas, outras vezes, criticadas. De qualquer forma, cabe ressaltar que, como em qualquer organização formal, o diretor é percebido como autoridade e respeitado como tal.

Paro (1986), acrescenta que todo o pessoal da escola reivindica as melhorias necessárias à melhoria do ensino e das condições de trabalho; mas de outro lado, o poder público, além de não atender as reivindicações, ainda cobra do diretor o cumprimento administrativo das medidas burocráticas recomendadas e estabelecidos (p.63). Concordo com ele, quando escreve sobre isso, mas o problema da falta de diálogo e análises feitas pelo professor para evitar tantos conflitos muitas vezes é exercido de um jeito que não se relaciona com a organização escolar. A própria compreensão da origem e natureza dos conflitos entre professores é decorrente de idéias não orientando as mudanças ou rumos de administração escolar que venha a fortalecer ou melhorar e sim aumentar os conflitos já existentes.

“A prática educativa é também uma prática social. Como tal, deve estar comprometida com a busca da transformação social”. (Saviani, 1983. P.68).

Foram três anos de eternas discussões e problemáticas com essa direção escolar, que enfrentou graves problemas com os professores que não aceitavam as mudanças que eu na época via com naturalidade, pois não estava mexendo com o meu trabalho, com as minhas atitudes e práticas em sala de aula. Cada ano que passava percebia que as professoras estavam tristes e assim iam pedindo remoção. (Essas professoras que criticavam o sistema e as novas regras), as outras, tentavam mudar a situação e iam ficando, tentando melhorar e não criar tantos conflitos.

Foi justamente nessa época que abriu as inscrições para o vestibular, então aproveitei a ocasião e pedi a minha licença-prêmio concedida dos cinco anos de rede e resolvi ficar em casa para ler as bibliografias pedidas no edital da Unicamp. Ganhei muitos livros e até mesmo a coleção dos Parâmetros Curriculares Nacionais que eu ainda não possuía das especialistas da minha escola. (Todas torciam para que eu passasse neste vestibular).

Cursar Pedagogia nunca foi um sonho que eu pudesse deixar de realizar, porém nunca o fiz, pelo fato de ter filhos pequenos e condições financeiras, tempo e vontade de voltar a ter professores me ensinando teorias que talvez eu não precisasse (Que engano o meu!).

7- A Infância e a família.

Nasci de uma família pobre do interior de Mato Grosso e lá eu fui criada até os 11 anos de idade. Meus pais deram apenas o estudo necessário, que era o fundamental. Naquela época a dificuldade era muita, acho que é por isso que não lembro dos meus primeiros professores.

O que eu e meus irmãos gostávamos mesmo era de brincar, escola não, era como se fosse até ler por obrigação e não uma necessidade para ter um futuro melhor. Criança não pensa como o adulto, ela vive o momento e era isso que eu gostava de fazer. Percebo que hoje o ensino não é mais como era na minha época e a metodologia usada é muito diferente, é como se a escola aconchegasse mais as crianças e hoje usamos muito da psicologia para motivar os nossos alunos e tentar fazer com que gostem de vir à escola, as mudanças ocorreram assim tão depressa, volto meus pensamentos aos anos 70, onde minha mãe com todas as dificuldades, ela analfabeta, procurava não deixar de levar seus filhos à escola e participar das chamadas Reuniões de Pais, onde procurava resolver os problemas das angústias dos meus irmãos e de mim mesma que queria determinado material e não podia comprar, queria dançar quadrilha e não tinha vestido para essa ocasião.

Hoje, os professores são educados pelo sistema no qual estão inseridos. É preciso que o educador transmita aos seus alunos conhecimentos mais também confiança em si mesmo, senso crítico e reflexão. Os valores passados de geração em geração são importantes para mostrar as crianças desse nosso presente que épocas piores já aconteceram e hoje muitas melhorias ocorreram e ocorrem no sistema escolar.

Os anos seguintes da minha vida e dos meus estudos foram acontecendo. De Mato Grosso fui morar em Rio Branco, Acre e lá fiz o ensino médio, lembro muito dos desfiles de 7 de Setembro, dos conteúdos transmitidos, apenas o Francês, com músicas cantadas em sala de aula é que me recordo, porque eu gostava de cantar e o professor era muito hilário.

Em 1981 meus pais já morando aqui nesse município matricularam seus filhos em uma escola estadual, nessa época eu trabalhava e estudava a noite, isso fez com que eu não concluísse o ensino médio, desisti logo no segundo ano para poder trabalhar.

De 1990, ano que conclui o Magistério até o ano de 2002, ano que iniciei o curso pela Unicamp, quantos anos, hem? Foram 12 anos sem estudar, apenas lendo quando precisava ou fazendo cursos de capacitação oferecidos pela rede municipal, que eram poucos e mal feitos, todos com horas estipuladas e sem retorno. Eu então queria apenas trabalhar, nada de estudar.

8- O Vestibular... As conquistas...

Quando li o edital do vestibular do Proesf, fiquei animada por voltar a estudar. Animada também por ser uma faculdade gratuita e com grande porte em relação ao ensino universitário. Porém o medo era grande, ler o que era pedido se tornava difícil pelo pouco entendimento que tinha. Será que eu passaria nesse vestibular? Quantos anos sem estudar? Creio que não daria conta de tudo isso. Mais animei e corri atrás do tempo perdido e comecei as minhas leituras. Revi uma prova do vestibular de 2001, do curso de pedagogia do Pefop (Programa Especial de Formação de Professores em Exercício), também feito através da Unicamp e fiquei muito espantada com as questões da prova. Se fosse daquele mesmo jeito

provavelmente eu não iria passar, minha bagagem cultural não permitiria resolver tais questões. Engano meu, pois com o passar dos dias as idéias foram surgindo e ouvi de uma aluna desse curso que ao responder tais questões era só pensar na sua prática em sala de aula e associar as teorias de pensamentos dos autores indicados na bibliografia. E assim eu fiz enquanto estudava. Se muitas professoras falavam que passariam neste vestibular sem ler nada, eu admiro muito porque tive que ler e procurar significados de palavras estranhas no dicionário, palavras estas nunca ouvidas antes. Passei esses meses lendo e me preparando para essa prova. Nesse tempo eu também fazia terapia com o meu psiquiatra que muito me ajudou e incentivou. Estudar era uma terapia, e a licença também, porque eu tinha tempo disponível para tudo, e ficava com meu filho menor metade do dia e a outra, ele ia para a escola de ensino infantil.

Foi a partir dessas leituras e também da minha prática em sala de aula, dessa longa experiência que com o tempo acumulei é que consegui ficar confiante no vestibular, é lógico que em certos dias eu desanimava, ficava preocupada com as mudanças que iriam ocorrer em relação à adaptação dos meus filhos e marido em casa sem eu por perto. Será que eles iriam se adaptar? Eram três anos de curso. As idéias foram se transformando, eu conversava com todos e fui ficando confiante, afinal eu sou uma profissional e preciso de transformações que possam mudar certos pensamentos e metodologias. A faculdade iria me ajudar muito em relação a tudo isso e nessa perspectiva eu consegui pensar diferente e fazer a família pensar assim também.

O tempo passou rápido e quando vi eu já estava realizando a prova do vestibular no prédio da Unicamp. A fé em Deus e as leituras me ajudaram muito. Realizei a prova com convicção no resultado positivo e quando recebi o resultado

pelo meu marido, não acreditei. Ele havia imprimido as classificações e lá estava eu, entre todas ocupando o 46º lugar, era fantástico e liguei para todas as minhas amigas e familiares. Que alegria! Esse resultado saiu no dia 07 de Agosto de 2002, minha inscrição era de número 04624. Nesse mesmo dia o técnico estava na minha residência instalando o nosso primeiro computador, até ele ficou feliz com a notícia da minha aprovação no vestibular.

9- O Início do Curso

Os dias seguintes foram de plena felicidade. Decepção aconteceu na hora da matrícula, eu em momento algum havia me preocupado com o local onde iria estudar. Eu não havia pensado nessas dificuldades. Li novamente o edital e estavam bem claro que os professores de Sumaré iriam cursar no pólo de Americana. Como eu iria para Americana? Tão longe de casa e sem transporte escolar do meu bairro até lá? Comecei a ficar preocupada então comecei a conversar com muitas pessoas e descobri que o secretário da minha escola, estava cursando lá e entramos num acordo para irmos juntos. Conversei com outra colega, que havia passado no vestibular e também iria cursar em Americana e combinamos tudo. Procurei organizar o material que iria utilizar na faculdade e ficar preparada para o primeiro dia de aula. Esse dia chegou, em nenhum momento eu fui conhecer a escola que iria estudar o CIEP (Centro Integrado de Educação Pública Professor Otávio Bordi), em Americana, e isso gerou um transtorno, pois meu colega achava que era próximo das faculdades centrais de Americana e não era o CIEP ficava localizado muito longe do centro da cidade e quando chegamos lá já se passavam das vinte horas. Estava muito frio e eu resfriada e muito nervosa entrei na sala de aula da turma H e a Assistente Pedagógica Aimar, já estava conversando sobre o

curso, era aula de Tecnologia da Educação. Eu muito nervosa sentei e logo comecei a ter uma crise de tosse e sangrar o nariz. Aimar pediu para eu sair um pouco e ir até o banheiro. Onde era o banheiro? Que nervoso eu passava naquele momento, queria sumir, queria minha casa e chorei muito. Logo voltei para a sala de aula e lá fiquei. Nesse mesmo dia meu colega ao retornar para casa disse que, seria difícil para ele ter que nos trazer para o CIEP-Centro Integrado de Educação Pública Profº Otávio César Bordi, em Americana. Era muito complicado e teríamos que sair mais cedo e ele não podia fazer isso, os horários não batiam com os dele.

Naquela mesma semana descobri que algumas alunas estavam fazendo requerimento para trocar de pólo, então lá fomos nós, eu e a minha colega. Porém havia uma diferença, eu morava em um bairro de Campinas e ela não. Faltamos no CIEP à semana toda e fomos até a Unicamp fazer esse requerimento e aguardar a resposta dos coordenadores do curso. Voltar para o CIEP foi complicado e nossos maridos iam trocando e cada dia um levava e o outro buscava. Semanas depois, conversando com o pessoal encontramos um perueiro que levava alunas até a Unisal, liguei para ele e o mesmo não mostrou nenhum interesse mais insisti muito e ele aceitou, porém tínhamos que ir a um determinado local às dezoito horas e esperá-lo, além do mais, ele cobraria mais caro do que as outras pela localização da escola. Como eu achava que seria fácil a troca de pólo, aceitei e assim os dias foram se passando. Quanto aos requerimentos, todos eram indeferidos pela coordenação e a minha tristeza aumentava muito, pois eu estava saindo de casa às dezoito horas e retornando às doze horas e trinta minutos da madrugada. Muitas vezes os Assistentes Pedagógicos de Americana davam muito apoio e eu continuava a minha luta para transferir-me de pólo. Era difícil, a coordenação do curso entender o que eu estava vivendo.

Em uma “Aula Magna” em Americana conversei com a Elizabete Pereira, ela disse que iria rever nosso pedido mais nada aconteceu, então fiquei muito depressiva e com todo esse processo acontecendo na minha vida, voltei a ficar doente e desta vez além da depressão, o diabetes subiu muito, eu estava muito mau, queria desistir do curso logo que terminei o primeiro semestre. Conversei com a Hélia, secretária do Proesf naquela época, e tirei uma licença domiciliar, onde meu médico pedia esse afastamento para que eu melhorasse. Lembro que fui ao CIEP apenas um mês e iniciei essa licença que muito me ajudou, sendo que se eu não conseguisse a transferência, deixaria com convicção o curso do Proesf e foi assim que passei para a Hélia, que estava me ajudando muito. A escola é muito longe, e não fazia parte do meu mundo, nunca gostei de lá, apenas deixei muitas amizades da turma H, que até hoje o contato existe com bastante sinceridade.

Durante a licença domiciliar fiz meus trabalhos em casa e mandava pelas amigas da classe, fui apenas uma vez entregar alguns trabalhos de Filosofia, porque o Assistente Pedagógico Luís queria conversar comigo e saber como eu estava. Eles sempre se mostraram generosos comigo e apoiavam minhas idéias de transferência.

Nas primeiras aulas em Americana tive muitas dificuldades, não sei se foi por causa do nervosismo e os problemas enfrentados. Apavorei-me com a quantidade de leituras que deveriam ser feitas e o pior, eu lia e nada entendia. Tinha dificuldades de memorizar e não havia um retorno meu nas aulas assistidas. O cansaço era muito e os seminários me apavoravam.

O grupo no qual, eu fazia parte, ajudou-me muito nesse momento, percebendo que eu estava dando o melhor que podia nos trabalhos, mas eu estava sempre

chorando e nervosa. Hoje mais tranqüila consigo lembrar de tudo isso e agradecer a todos que de alguma forma me ajudou a superar os problemas. Lutar por nossos ideais é algo que fascina, mas é dolorido quando só recebemos um “NÃO”, desanima e frustra muito. Seria tão fácil entender o ser humano, as causas pela qual luta e as necessidades de ajuda. E foi isso que a Hélia, secretária do Proesf naquela época fez. Ela é uma pessoa especial nessa minha trajetória de vida acadêmica. Foi ela quem ajudou, lutou pela minha troca de pólo, às vezes me animando, outras desanimando, porque ela dependia também da decisão dos coordenadores do curso para o processo acontecer.

10- A Grande Conquista

Chega enfim o final da minha licença domiciliar, eu estava ansiosa pela resposta da troca de pólo. Ligava direto para a Hélia e muitas vezes senti que ela nem queria mais falar comigo, era insistência demais da minha parte. Faltando apenas dois dias para encerrar as matrículas para o terceiro semestre voltei a ligar para a Hélia e falei com a Ana Lucia, secretária do Proesf naquela época, que não tinha resposta nenhuma da coordenação e que a Hélia estava jantando e não poderia me atender. Esperei algumas horas e liguei novamente, desta vez a Hélia me atendeu e estava dando a melhor notícia dos últimos tempos: *EU HAVIA CONSEGUIDO A TRANFERÊNCIA DE POLO*. Ufa! Até que enfim eu estava feliz e muito feliz. Chorei muito de alegria, agradecia a Deus e a coordenação que entendeu o meu problema e ajudou muito a resolvê-lo. No dia seguinte eu fui até a Unicamp fazer a minha matrícula na turma “A” do pólo Campinas.

Bem estar é sentir que aquele dia que passou não foi em vão e algo de bom foi feito pelo nosso semelhante. (Soraya B. C. Rodrigues).

Eu estava me sentindo muito bem, e no dia seguinte fui logo cedo fazer a minha matrícula, antes procurei a Hélia agradecida, e logo em seguida fui enfrentar a fila na DAC, eu não conhecia nada dentro da Unicamp mas me sentia em casa, era um sentimento de leveza e conforto inacreditável.

Foi maravilhoso contar a todos sobre essa minha vitória, falo minha porque lutei muito, chorei muito e consegui que esse sonho se tornasse realidade. Precisamos lutar pelos nossos objetivos, nada é impossível de ser conquistado e estar hoje na turma “A” é maravilhoso, faz parte da minha história de vida.

No semestre seguinte quando novamente foram abertas as novas inscrições para esse mesmo curso, no edital constava em negrito a frase seguinte: Não haverá troca de pólo. E muitas professoras talvez ainda passassem pelas mesmas dificuldades, sei lá, porém continua indo para Americana, mesmo residindo em Campinas. Quanto a Andréia, minha colega, com a turma iniciada através do vestibular de 2003 do mesmo curso feito por nós, criaram um novo grupo e assim, uma motorista do nosso bairro leva todas até Americana, ficando mais fácil essa locomoção. E esquecer o tempo vivido no CIEP Professor Otávio César Bordi é impossível, pois foram dias de alegrias e tristezas, porém inesquecível.

Após a matrícula era só pensar na nova turma. Dificuldades de adaptação eu não tenho nenhuma, consigo com facilidade envolver-me com as pessoas e ter uma amizade legal.

11- A turma “A”.

Quando cheguei ao IEL, local onde seriam minhas aulas, senti-me num mundo diferente, realmente tinha grande diferença. Saia de casa minutos antes de iniciar as aulas e voltávamos antes das 23 horas. A turma nova recebeu-me com alegria e todas queriam ouvir a minha história. Era aula com a Mariana, então todos os dias eu tinha que me apresentar e contar a minha história (e fazia isso com orgulho), foi muito bom o acolhimento da turma, parecia que aquele lugar estava reservado desde o início do curso, pena que foi tão difícil. Durante uma dinâmica de apresentação, fiquei espantada com a presença de uma moça, ela fora aluna minha no início da minha atuação como professora numa escola estadual. A turma achou muito engraçada a situação. Professora e aluna como alunas do curso de Pedagogia.

Naquela época difícil e tumultuada eu costumava sempre ler esses trechos:

Bom dia.

Eu sou Deus. Hoje estarei cuidando de todos os seus problemas.

Por favor, lembre-se que eu não preciso de sua ajuda.

Se algo lhe colocar em uma situação que você não possa resolver, não tente resolvê-la. Por favor, coloque-a na caixa APJF (algo para Jesus fazer).

Ela me será entregue no MEU tempo certo, não no seu.

Uma vez colocado o problema na caixa, não pense mais nele, ou tente remove-lo.

Pensar nele ou remove-lo da caixa, só atrasaria a solução de seu problema.

Se for uma situação que você se julgar capaz de resolvê-la, por favor, consulte-me em oração, para ter a certeza da melhor solução.

Porque EU não durmo nem mesmo cochilo,

Não há necessidade de você perder o seu sono.

Descanse meu filho. Se você precisar falar comigo,

Eu estou apenas uma oração de distancia. (autor Desconhecido).

E com essa perspectiva é que vou passando pelas dificuldades surgidas durante o curso e resolvendo com a ajuda de Deus, lutando por melhores condições de vida. É cansativo trabalhar fora, cuidar da casa e dos filhos e marido e nos finais de semana ter que ler os textos pedidos como embasamento teórico. Se alguém me perguntar o que eu mais fiz no curso diria que foi ler. Sei da necessidade dessas leituras, mas quantas assistentes pedagógicas as fazem na sala, comentando e ouvindo nossas opiniões, eu aprendo melhor assim, acho até mais prazeroso.

O ano de 2003 foi mais tranquilo, com a minha ida para a Unicamp, comecei a ganhar tempo e economizar dinheiro, pois ia com uma colega de carro e gastei menos.

Nesse semestre as disciplinas dadas foram muito relevantes e aprendi muito com as novas leituras e os novos conceitos adquiridos. Li mais sobre Piaget, Vygostky e outros autores que falavam sobre afetividade, inteligência e principalmente os problemas trazidos pelos nossos alunos para a sala de aula, que antes eu não entendia.

E o tempo? Esse tempo que nós vivemos por intermédio dele e nem mesmo conseguimos lidar com isso. O tempo permeia o nosso vocabulário, nossas idéias, nosso dia-a-dia e a maneira como encaramos nossa existência e a natureza como a conhecemos e a interpretamos. É através desse tempo que retemos informações sobre as nossas memórias, que ficam registradas sobre as mais diversas formas.

ESCREVER ESSE TRABALHO DE FINAL DE CURSO É DEFINIR E USAR A MINHA MEMÓRIA COMO A FACULDADE DE RETER AS IDÉIAS ADQUIRIDAS ANTERIORMENTE E QUE VEM ACOMPANHADA DESSE TEMPO QUE PASSAMOS PARA REVIVER, LEMBRAR E ESCREVER O QUE E APRENDEMOS NESSES TRÊS ANOS NO CURSO DE PEDAGOGIA.

O curso de pedagogia, o Proesf, inicialmente foi criticado e nós professoras ficamos preocupados quanto a essa formação, não entendiam que ele seria igual a todos os cursos ministrados pela faculdade na área de educação, formando professores conscientes e com mais bagagem teórica.

As leituras realizadas em sala de aula e as lidas em casa trouxeram muitas soluções e mudanças para o meu trabalho em sala de aula, fazendo com que eu assumisse um papel diferente, com novas posturas frente ao meu aluno e a seus conflitos. Vejo a escola como um espaço educativo, com regras a serem cumpridas e determinadas. Nesse processo todo vejo-me como uma formadora de opinião e entendendo a questão da educação como um todo. Por isso não basta apenas saber um pouco de psicologia e do conteúdo que vai ensinar, por isso que acredito que estudar é uma grande chance de progresso, tanto para o professor como para as crianças.

“A palavra progresso não terá qualquer sentido enquanto houver crianças infelizes”. (Albert Einstein).

A chance que tive em cursar pedagogia, realmente foi um progresso na minha formação, como professora e na vida particular também. Um curso com problemáticas interessantes, conteúdos ricos e professores entendedores do assunto, experiências das alunas, trazidas do dia a dia também contribuíram muito para as transformações. Eu quero atuar melhor, tendo uma visão diferente, acreditando na educação como reformadora e realizadora, acreditando no aluno sendo um ser capaz de aprender, acreditar que o professor é capaz de ensinar, incorporando novos referenciais teóricos para cumprir seu papel, na construção de uma escola de qualidade.

No texto; O trabalho em sala de aula: Teorias para que? De Ana Luiza B Smolka e Adriana F. Laplane, marcou-me muita refletindo o nosso papel em sala de aula, nas atitudes das crianças que devemos observar melhor, nos problemas surgidos que tem muito a ver com as teorias e a nossa prática. Como agir em determinados momentos em sala de aula? As teorias constituem assim, um lugar do qual se olha a prática cotidiana. Nesse sentido, as aulas da Assistente Pedagógica Eliana, na disciplina de avaliação ajudou muito na reflexão de como eu vinha avaliando os meus alunos, que atitudes eu estava tomando frente às dificuldades de todos.

Eu estava avaliando o meu aluno classificando-o, mesmo tendo a preocupação com que eles aprendessem realmente, e que essa aprendizagem realmente fizesse a diferença entre eles. Através dos textos lidos eu verifiquei o que estava acontecendo, sempre acompanhava as possíveis dificuldades que meus alunos tinham em relação à aprendizagem. De acordo com Luckesi, a prática da avaliação da aprendizagem, em seu sentido pleno, só será possível na medida em que se estiver realmente interessado na aprendizagem do educando, ou, seja, há

de se estar interessado em que o educando aprenda aquilo que está sendo ensinado” (1990, p.80).

A avaliação deve ser constante, melhorando a qualidade da aprendizagem, refletindo constantemente sobre a minha prática educacional, dando oportunidades aos meus alunos de serem conscientes e críticos.

A partir do acompanhamento constante feito em sala de aula com meus alunos, conversando individualmente com eles, percebo as dúvidas que ele tem e procuro esclarecer as dificuldades através de atividades que sejam mais interessantes ao nível de dificuldades de cada um, e nesse acompanhamento, tenho percebido que posso fazer muito para melhorar esse processo avaliativo de aprendizagem em determinados conteúdos, sendo mais justa com todos.

No ano de 2003, meu olhar como professora foi fundamental para o crescimento dos meus alunos, sensibilizei-me com as conquistas, afinal esse sentimento de confiança fazia sentido, já que eu conseguia fazer das minhas aulas mais motivadoras e a avaliação como um processo que aconteceria normalmente, sem chocar os meus alunos de 2ª série, que se sentiam encorajados e estimulados. Isso é muito importante para mim, são novos tempos e apesar de ver tantos problemas que enfrentamos dentro da escola, eu estou conseguindo ser capaz de levar à eles as possibilidades de poder melhorar e aprender.

Quantas aulas, do curso Proesf, eu levei para a minha sala de aula e para minhas colegas de escola! Cada brincadeiras, cada dinâmica diferente, as trocas de experiências, os jogos, os conceitos matemáticos. Enfim, foram muitas atividades interessantes e leituras que motivaram a minha mudança em muitos aspectos que antes eu não conhecia.

Lembro-me da questão de como ensinar os conceitos matemáticos, da iniciação numérica e de como levar meu aluno à conclusão final através da história do Chico Bento, onde ele pensaria sobre a questão de como o homem aprendeu a contar. Essa proposta foi feita através da AP: Marilac, quando eu ainda estava no pólo de Americana. Todos os anos eu inicio o conteúdo de matemática fazendo essa dinâmica com todos e o resultado é muito interessante e legal.

Na medida em que eu podia, sempre colocava e coloco em prática na sala de aula sobre temas significativos que aprendi e aprendo no curso. Se eu fosse contar todas as experiências não iria conseguir. Sei apenas que meu planejamento é de constantes variações, fazendo das minhas dinâmicas em sala de aula bem diferentes e prazerosas.

Quanto ao livro didático, é importante ressaltar a sua importância no nosso cotidiano. Nessa visão eu sempre ministrei as minhas aulas contando com a ajuda desse material, que afinal, todas nós usamos. A minha visão mudou muito quando mudei minha concepção do uso dos livros para dar as minhas aulas. No 3º semestre do nosso curso a Assistente Pedagógica Mariana ensinou a importância de analisarmos os materiais que utilizamos em sala de aula, principalmente os livros didáticos. Estudar Teoria Pedagógica e Produção em História, fez com que eu, e a nossa turma, aprendêssemos com prazer os caminhos que a história nos leva, as memórias e a educação, a analisar e ser capaz de estabelecer relações entre diferentes sujeitos, espaço e tempo. Essas aulas foram valiosas para mim, trazendo-me uma nova visão de como ensinar História para meus alunos, relacionando-a com a atualidade. Entendendo o passado, pensando muito nas circunstâncias que nos levam a refletir sobre os acontecimentos históricos e o que cada criança, na sua idade pensa e pode associar esse acontecimento como um

passado que também está no presente. Na aula Magna com a Professora Ernesta Zamboni, acontecida nesse semestre no Centro de Convenções, ouvia-se muitas trocas de experiências e análises dos livros didáticos que nós utilizamos em sala de aula. Interessante como essa aula motivou as professoras presentes, pois tinha realmente sentido tudo que estava sendo discutido naquele dia pela Professora Ernesta. Na aula da AP: Mariana tivemos o privilégio de fazer essa análise dos livros didáticos, com algumas coleções sugeridas pela Mariana, onde nós professoras trouxemos das nossas escolas e discutimos em sala de aula. Nesse dia passei a conhecer melhor os livros didáticos e entre as coleções, uma me fascinou muito (aliás, a professora Ernesta já havia comentado sobre a mesma), era a coleção “HISTORIAR”, que guardo com muito carinho e sempre uso quando vou planejar minhas aulas de história. Ele contém textos curtos e fáceis para as crianças, trabalhando todos os temas com suavidade, identificando o lugar e levando a criança a pesquisar sobre sua vida e tudo que faz parte do passado e do presente.

12- Um novo olhar

Sei que não é fácil, mas o professor precisa ter habilidades em retirar do cotidiano temas de estudo e inseri-los em análises de sistemas históricos mais amplos que explicam o seu conhecimento e o aluno é aquele que mais precisa desse conhecimento, para a construção de sua identidade e do momento histórico que ele vive.

As pessoas mudam e o professor também precisa mudar suas concepções, é preciso aprender quando se tem dúvidas, não é aconselhável se contentar sempre com as mesmices. Já que o mundo muda, as nossas visões também precisam

mudar para acompanhar esse novo tempo de crianças tão diferentes. Diferentes em suas culturas e pensamentos, atentas às tecnologias e as novidades trazidas pela mídia, que influencia muito essas criaturas tão pequenas mais com muito saber.

O tempo que cursei na Unicamp abriu-me novos horizontes, não querendo assim escrever que me tornei uma professora cheia de teorias, é lógico que não, mais o pouco que aprendi, as pesquisas, as leituras, enfim todo o material utilizado foi modificando a minha prática, modificando para melhor. Hoje quando estou em determinado local, assistindo alguma palestra ou cursos de capacitação percebo que entendo melhor do assunto que se fala e posso argumentar sobre o que aprendi. É como falava nossa Assistente Pedagógica Simone, temos que ter embasamento teórico para nos posicionarmos em determinada discussão.

Aprendi a fazer RESENHAS através desse curso, aliás, nem sabia o que era isso. No início foi muito difícil, hoje se tornou prazeroso e a última resenha que fiz foi como falar de algo que eu já havia vivido, num passado bem distante, situando-me num determinado lugar, 20 anos atrás e as lembranças enquanto resenhava esses textos eram lindas, que eu chegava até a ouvir uma música daquela época, daquele dia tão frio na Praça da República em São Paulo. Foi ótimo fazer essa viagem ao meu passado mesmo sendo através de uma resenha.

È por isso que ao escrever esse Memorial valorizo muito esse curso de Pedagogia do Proesf. Foi ele quem fez nestes três anos mudanças significativas ocorrerem na minha trajetória como professora, dando significados importantes para a minha valorização como professora e educadora.

No quinto semestre, já mais segura dos meus objetivos resolvi voltar a trabalhar os dois períodos em escola diferentes, porém com séries distintas. Pensei: Será que vou dar conta de trabalhar e ir para a faculdade à noite? E o tempo? Porém fui nesse e iniciei o meu trabalho com a nova turma no final de Agosto.

Os alunos estava há vários meses em defasagem com o conteúdo e tendo aulas com diferentes professores substitutos da rede, pareciam que os mesmos estavam me esperando. Foi maravilhoso o primeiro contato com a turma. Eram crianças tranqüilas e foi fácil rever os conteúdos e trabalhar de uma forma gostosa valorizando cada um e a forma como vinham aprendendo, revi todo o processo burocrático de alfabetização e no final eles estavam mais motivados.

Ao abrir a caderneta da professora efetiva da classe, fiquei espantada. Quanta nota em vermelho? O que será que estava acontecendo com essas crianças? Já com as mudanças acontecidas na minha prática sobre avaliação, não rotulei nenhuma criança e mesmo devendo obediência sobre a entrega das notas e das papeletas bimestralmente onde atribuo notas aos meus alunos, faço de maneira diferente como falei anteriormente, não faço de maneira alienada como fazia antes, mas isso ainda provoca em mim certa tristeza.

ivo cada dia me policiando, sentindo o conflito da avaliação educacional com diagnósticos dos avanços das dificuldades de meu aluno, e quando tenho que entregar as papeletas preenchidas na secretaria da escola, procuro fazer sem ter prejudicado nenhum deles, mesmo esse processo hierárquico contrário ao que penso, porém necessário para a instituição.

Mais do que avaliar provas e dar notas, é preciso ouvir os apelos silenciosos que ecoam na alma do educando.

É preciso saber interpretar os gestos e os olhares.

Enquanto tudo corria tão bem quanto ao afetivo da nova turma, as crianças da minha outra sala de aula, no período da tarde passavam por conflitos diversos, eles estavam muito indisciplinados, entre essas 37 crianças, a idade variava muito, entre 8 anos até os 13 anos, alunos com problemas de Conselho Tutelar, problemas de tratamento neurológicos, psicológicos e deficientes mentais, sendo acompanhado pela Instituição Pestalozzi em Sumaré e pelo Centro de Reabilitação, o Cirase, lugar esse que atende as crianças com problemas de aprendizagem do nosso município. Entre essas 37 crianças, tinha aqueles que progrediam muito bem, apenas sentiam dificuldades por causa da indisciplina dos demais.

Essa sala de aula em pleno mês de setembro estava muito mudada e eu procurava constantemente ajudá-los e não estava conseguindo. Surgiam muitas confusões, rebeldias e encrencas. Nesse conflito todo, estavam os alunos: D, E, J, A, M, Jô e B enfrentando dificuldades de socialização, confrontando suas idéias com apenas algumas palavras que fosse ofensiva. E (nome da aluna), passava por momentos de conflitos quanto a sua sexualidade, já então namorando um moço e mantendo relações sexuais com ele. Nada impedia que isso acontecesse, mas as crianças da sala eram pequenas e eu tinha que fazer alguma coisa para melhorar o meu trabalho, e não deixar o conflito aumentar. Quando percebi que sozinha eu não conseguiria ajudar os meus alunos em relação à indisciplina da classe procurei ajuda com as especialistas da escola e ouvi algo assim: Logo você, pedindo ajuda? Não é você que sabe resolver tudo e nunca tem problemas com os alunos? Fiquei

muito triste e chateado e me senti muito sozinha e pensando que realmente a culpa era minha, não estava conseguindo lidar com os problemas e uma das especialistas falou que eu estava estressada demais e a classe não tinha culpa disso. Como? E os meus alunos do período da manhã? Eles estavam tão bem comigo, isso me mostrava que eu não era culpada e sim o próprio sistema que não conseguia me ajudar.

O tempo foi passando, então procurei ajuda com uma psicóloga do Cirase. contei a ela o que eu estava passando e a mesma indicou-me algumas leituras para um entendimento melhor sobre o novo projeto que eu teria que realizar com meus alunos para obter um crescimento quanto à indisciplina de alguns.

Nesse semestre, nós do curso Proesf estávamos tendo a disciplina de Sexualidade com a Assistente Pedagógica Priscila, e foi ela que também, através das leituras e conversas que ajudou muito. Comecei o meu projeto sobre sexualidade na sala de um modo calmo e que fosse de melhor entendimento por parte deles e dos pais.

Com as novas orientações iniciei as aulas com a leitura do livro: Faca sem ponta, galinha sem pé, da escritora Ruth Rocha. Nele o trabalho levava todos à questão de gênero, e nesse sentido eu podia conversar melhor com eles e chegar ao assunto que eu queria, que era sobre sexualidade e adolescência. Meu trabalho foi muito bom, com as leituras e as discussões acontecidas em sala a turma foi mudando, faltavam alguns processos mal resolvidos, como a indisciplina que eu precisava melhorar.

Nas aulas do Assistente Pedagógico Julio, de Planejamento e Gestão Escolar, estavam lá algumas novas leituras que me ajudariam a entender o

processo da indisciplina e da gestão escolar. Conversando com ele, consegui ter mais noções de como melhorar todo aquele processo, refletindo melhor sobre o ambiente escolar, era ele quem estava mexendo comigo. Essa nova equipe de direção estava na minha escola a poucos meses e não havia muito contato entre eu e ela. Acredito que por isso eu estava enfrentando tantos conflitos, eu não conseguia enxergar isso, mais agora estava tudo mais claro em relação a indisciplina dos meus alunos. Eu estava muito descontente com a equipe de especialistas e isso estava influenciando o meu trabalho com as crianças. A indisciplina é um problema nas escolas e ela tem que ser analisada, tem que ser vista pela forma como é exercida. Vejo muitas vezes a indisciplina relacionada à organização pedagógica da escola, quer dizer, o aluno não é exclusivo do professor e, portanto ele deve ser visto como parte da instituição escolar, não deixando assim que a culpa seja apenas do professor. Os modos de agir perante um aluno indisciplinado devem ser coerentes e articulados aos princípios teóricos. Nesse momento é que devemos lembrar das teorias estudadas, mesmo não sendo um professor que trabalhe totalmente com as teorias de Piaget, Vygostky e outras práticas pedagógicas ligadas à psicologia. A prática não é transparente nem homogênea. Ela é permeada por contradições que impedem identificá-la com uma única teoria. Em qualquer sala de aula um behaviorista, um construtivista, um sócio-interacionista descobrirão princípios pertinentes às suas teoria e terão o que dizer em relação aos problemas enfrentados na sala de aula, que mesmo não tendo um resultado imediato, as teorias constituem, assim, um lugar do qual se olha a prática cotidiana.

Para combater a indisciplina, a escola tem que analisar a forma como é exercido o seu controle, precisando de um trabalho conjunto, apoiando o professor,

avançando assim nas medidas de controle disciplinar e não apenas criticando o trabalho do professor.

A própria compreensão da origem da natureza dos professores decorrentes poderá suscitar idéias e orientar quanto a prováveis rumos de administração escolar. Se a indisciplina produz efeitos negativos em relação a socialização e aproveitamento do aluno traz efeitos negativos em relação ao professor.

Nós professores temos pouca autonomia para resolver determinados problemas em sala, eu sentia muito isso e fui buscar soluções, conseguindo finalizar o ano com muito sucesso em relação aos conflitos que passei nesses últimos meses, não esperando pela resolução vinda da orientação da minha escola, que sabia ditar regras, porém ajudar nos conflitos não estava em suas mãos e sim na da professora. Para que o projeto educativo possa responder às necessidades reais da escola tem de se colocar as questões: Onde estamos? Quem somos? O que pretendemos?

Diante desse quadro, vi uma grande falha no nosso planejamento deste ano, ele não havia sido reformulado nem discutido quanto a relação dos problemas inclusivos existentes na escola, que é vista como ótica conservadora de educação e de administração.

E a criança? Ela é como todo ser humano, um sujeito social e histórico que faz parte de uma organização familiar que está inscrita numa sociedade, com uma determinada cultura em uma determinada cultura, em um determinado momento histórico. É profundamente marcada pelo meio social em que se desenvolve, mas também marca esse momento social.

13 – Conclusão.

Aprendo um pouco a cada dia, que meus alunos tem conhecimentos necessários, habilidades e valores não tão importantes que a escola pretende ensinar. Consigo ensinar a cada dia o meu aluno e aceitar ele de forma como são descobrindo suas habilidades e suas aptidões. Trata-se de mudar a cada dia a minha postura como educadora, mesmo sabendo que não é fácil, que embora a escola trate a diversidade, ainda avalia o nosso trabalho e o aluno como se fossem iguais. Mesmo dentro do ambiente da sala de aula, atuando como profissional, trabalhando com aquilo que acredito e que vem de encontro com os interesses dos meus alunos, vejo muito a interferência do sistema de ensino encontrando formas de interferir nesse trabalho que é próprio e íntimo de cada um.

Assim, diante dessa escrita, começando e terminando, estarei sempre aprendendo. E a certeza que deixo gravado aqui que o curso trouxe-me uma formação teórica que eu não acreditava ser tão importante, mais que facilitou muito a compreensão e o meu posicionamento como educadora e para escrever esse Memorial de Formação.

A música “Seguindo em Frente”, do cantor Daniel retrata muito bem esse final de escrita e todo o processo pelo qual eu vivi durante esses três anos de preparação para ser uma nova pessoa frente às dificuldades que poderão e com certeza surgirão em minha vida.

Referências Bibliográficas

COLOMBO, Fabiana A. ***Afetividade e produção escrita: a mediação em crianças de pré-escola***. Trabalho de conclusão de Curso. Universidade Estadual de Campinas, SP, 2002.

LEITE, Sérgio A. da S. (org.) ***Alfabetização e letramento: contribuições para as práticas pedagógicas***. Campinas, SP, Komedi: Arte Escrita, 2001.

LUCKESI, C.C. ***Verificação ou avaliação: o que pratica a escola?*** In: Idéias, nº 8, São Paulo, EPU, 1986.

Mello, Guiomar, N. ***educação Escolar: Paixão, Pensamento e Prática***. São Paulo: Cortez: Autores Associados, 1987.

OLIVEIRA, M. K. ***O Problema da afetividade em Vygostky***. In: DE LA TAILLE, Piaget, Vygotsky e Wallon: *teorias psicogenéticas em discussão*. São Paulo, Summus, 1992.

PARO Vitor H. ***Administração Escolar: Introdução Crítica***, São Paulo, 1986.

PERRENOUD, Philippe. ***Dez novas competências para ensinar***. Porto Alegre, Artes Médicas, 2000.

SAVIANI, D. ***Escola e Democracia***. Campinas, São Paulo: Cortez, Andes, 1983.
SMOLKA, A.LAPLANE, A.F. Cadernos ESE, Alfabetização e Leitura. 2002. *O trabalho em sala de aula: teorias para que?*

SOARES, M. ***Metamorfose-Memórias: Travessia de uma educadora***. 2ª edição - São Paulo: Cortez Editora, 2001.

TAILLE Y. de, Oliveira, M.Ke DANTAS, H, Piaget, Vygotsky, Wallon: ***teorias psicogenéticas em discussão***. São Paulo, Summus, 1992.

TASSONI, E.C.M. ***Afetividade e produção escrita: a mediação do professor em sala de aula***. Dissertação de Mestrado. Universidade Estadual de Campinas, SP, 2000.

VYGOTSKY, L.S. ***A formação social da mente: o desenvolvimento dos processos psicológicos superiores***. Org. Michael Cole. São Paulo, Martins Fontes, 1991. (Coleção Psicologia e Pedagogia).